

# Nísia Floresta: Itinerário de uma viagem à Alemanha<sup>1</sup>

Márcio de Lima Dantas

Departamento de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

7marciodantas7@gmail.com

Em agosto de 1856, Nísia Floresta, com 46 anos, empreende, junto com sua filha Lívia, uma viagem por uma região chamada por ela de “velha e poética Germânia”. A escritora, com as impressões dessa estada, em todo o seu vigor físico e sua maturidade intelectual, publica um livro em francês, intitulado *Itinéraire d’un Voyage en Allemagne*<sup>2</sup>.

O livro, organizado em forma de epístolas e diário, resguarda forte poder evocativo das paisagens, dos castelos, cemitérios, estátuas, ferrovias e museus visitados por uma senhora poliglota e detentora de grande distanciamento crítico em relação aos objetos, à história e aos fenômenos que vão se apresentando a sua vista. Polidez e requinte são o que não falta a Nísia, inclusive no registro linguístico nervoso de alguém que parece não permitir a Cronos devorar as lembranças, eivadas de *pathos*, provindas durante uma viagem deliberadamente planejada, bem ao estilo europeu.

Os textos são direcionados àqueles que permaneceram no Brasil, habitantes do espírito da escritora: seu filho, sua irmã, seus irmãos. O gênero epistolografia não é novidade no vernáculo: lembremos de Pe. Antônio Vieira, Sórora Mariana Alcoforado, Mário de Andrade e a da correspondência entre Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. Todos produziram grande quantidade de cartas, nas quais não apenas discorriam acerca de temas íntimos, mas versavam sobre filosofia, religião, poética ou algo mais pontual, como uma viagem ou assuntos ordinários, por exemplo. No que concerne ao gênero diário, Nísia parece enquadrar-se no modo “diário íntimo”, que se caracteriza por ser o registro de acontecimentos sucedidos no arco de um dia.

Dito isso, vejamos como nossa feminista *avant la lettre* plasmou suas impressões sobre uma de suas mais importantes viagens. Nísia não viajava como turista, mas como uma viajante intelectualizada, espécie de arqueóloga do mundo das ideias e da história, permitindo-se uma curiosa liberdade de aprofundar conhecimentos sobre o que contemplava, tocava e sentia, proclamando, via escritura, seus pontos de vista, plenos de acuidade e sede de saber mais.

Detentora de uma prosa ágil, precisa e arguta, escorreita, plena de encadeamentos discursivos e lógicos, como se fosse uma cientista das ciências naturais a descrever um objeto, Mme. Floresta A. Brasileira consegue impregnar dois gêneros caracterizados universalmente pela ausência de intermediação – pelo menos, pretendem - entre sentimento e escritura, a epístola e o diário, de um tônus poético de grande

---

<sup>1</sup> Para Zelma, guardiã de Nísia

<sup>2</sup> Itinerário de uma viagem à Alemanha. Trad. Francisco das Chagas Pereira, Natal: EDUFRRN, 1982

intensidade imagética, haja vista a quantidade e a qualidade das metáforas empregadas para dar conta dos lugares que visitava. Quero dizer com isso que a memória é o lastro no qual se constrói o texto literário, numa equação que é mais ou menos esta: o concreto vivido deposita-se na memória como representação para, finalmente, o escritor erguer os pilares do discurso literário. Portanto é necessário sempre a intermediação da deusa Mnemósine, mãe das musas, como etapa para a consecução do objeto artístico.

Com efeito, Nísia consegue deixar transparecer todo esse processo, numa atitude metalinguística de quem revela os meios e marcas de alguém consciente do ofício de escrever como algo que está em um lugar para além do tangível a que chamamos de realidade. Tenho para mim que uma certa pressa em redigir as cartas e os diários para seus entes queridos funciona como espécie de atitude distanciada face a reelaboração dos eventos acontecidos em um dia. Muitas vezes ela escreve a altas horas da noite, encerrando a jornada, como se sentisse alívio por um dever cumprido.

Destarte, o cansaço é apreendido como dádiva para afugentar as sombras e as tristezas da saudade advinda do aniversário de um ano de morte de sua mãe, bem como as lembranças de pessoas caras que estão distantes. No fundo, a escritora parece reter uma ansiedade em relação ao *tempus fugit* ou a marcha inexorável para a morte, na medida em que busca, por meio da escritura, cristalizar o vivido junto a sua filha Lívia.

Ora, desde sempre a arte funcionou como triunfo de alguns indivíduos sobre o poder destrutivo da morte, espécie de artifício para ludibriar o fato de sermos mortuos, como se o sofrimento provindo da condição humana de sencientes não pudesse ficar impune, transformado que é em objeto de apreciação estética. E, em assim sendo, uma experiência singular, dotada de inúmeras particularidades, vem a ser algo universal, na medida em que os homens não somente são munidos de faculdades assemelhadas, mas também possuem traços arquetipais que os nivelam, por assim dizer, como capazes de formular as mesmas fábulas a partir de elementos previamente existentes em toda e qualquer cultura.

Voltemos nosso olhar, ainda, para Nísia Floresta. Vejamos um trecho do livro: “As águas deste rio, rolando no silêncio da noite, são um espetáculo melancolicamente poético. Fiquei algum tempo em profunda contemplação das coisas passadas e das presentes” (p.71). Bem claro que o gênero lírico, com seus paradigmas enformadores de metáforas, suplanta qualquer outro gênero. Era de se esperar que traços do épico, com sua denotação e metonímias, achegassem ao texto com mais precisão e impusessem seu julgo sintático de encadeamento lógico-discursivo, contudo, não é o que sucede.

Com efeito, a apresentação, por meio da *mimesis* calcada na vida interior da mulher de Papary, por meio de suas paixões, do caráter profundamente literário, de seu comportamento livresco e ilustrado, engendra um texto na qual a função poética da linguagem busca sobrepujar a função denotativa, enformando uma escritura no qual se mesclam de maneira natural e elegante a poesia e a prosa. Em suma, tanto as cartas quanto as notas para um eventual diário são de uma beleza plástica ímpar, pois a *mathésis* e a *mimesis* estão soldadas de tal maneira a construir um texto de rara fatura, auma *semiosis* na qual o signo literário está contaminado pelo conhecimento histórico,

pelo discernimento estético e pela requintada escrita. Nísia nada fica a dever a ninguém, porque cultivadora da arte do bem escrever.

Refoge, portanto, das claves patriarcais que visualizam as mulheres somente como objetos sexuais para o desfrute de seus egoísticos prazeres físicos ou para a procriação mecânica de rebentos que irão assumir, por sua vez, o papel do macho autoritário e dono da situação. Em suma: desdenhou dos papéis previstos desde sempre às mulheres: rainha do lar, mãe e esposa. Nesse sentido, há algo bastante interessante na existência e obra de Nísia, uma existencialista que traçou um projeto de vida que era bem mais condizente com seus pendores: poeta, ensaísta, educar filhos seus e dos outros, pedagoga, revolucionária, - não somente teórica, mas demonstrando, por meio de uma prática cotidiana, como a vida de uma mulher não estava associada a um destino ou a uma natureza dita feminina, contudo é algo construído historicamente por uma sociedade na qual prepondera o mando e o julgo de um discurso falocêntrico.

Com efeito, a mulher de Papary inscreve-se como sujeito desestabilizador, pois sua destoante história de vida, seu comportamento livre das amarras institucionais, encontra-se em um lugar com fronteiras não rigidamente delimitadas: aquele lugar no qual os gêneros são questionados, são indagados dos motivos pelos quais as linhas dos estereótipos engendram tanto preconceito, tanta discriminação que recaem quase sempre sobre o lado do gênero feminino. Parece que Nísia pouco estava interessada em linhas de fronteiras, queria mesmo era estender sua alegria pela vida e sua liberdade interior às outras mulheres.

Quanto às condições históricas nas quais o livro veio a lume, não podemos esquecer o regime escritural do tempo: o Romantismo, com seu forte pendor a sagrar o subjetivismo como a nova comarca da literatura, até então dominada pelos preceitos universalistas da tradição clássica. Eis que o mundo interior, os preceitos do sonho, enfim a subjetividade do escritor passam a protagonistas da cena dos modos de representar a realidade, formatados que são nos inúmeros gêneros que a literatura manuseia. Muito do que o Romantismo propugnou encontra-se dissolvido nas entrelinhas do texto de Nísia, tais como: culto ao nacionalismo (alemão), elementos conformadores de uma nacionalidade (elogio a Carlos Magno e outros que edificaram a moderna Alemanha), interesse pela Idade Média (visita a ruínas, abadias, catedrais, cemitérios), sacrifício e sangue de muitos por seu povo (visita a túmulos de poetas, sábios, estudiosos das ciências naturais).

Outro componente integrante do Romantismo diz respeito ao culto à natureza. Os românticos enfatizam a oposição entre natureza e cidade, como se, ao supervalorizar aquela, como lugar de fuga e refúgio, conferissem à cidade o caráter de lugar contaminado pelos vícios humanos. É o que ficou conhecido como *locus amenus*. Toda a viagem de Nísia pela Alemanha é pontuada pelo ensejo de valorizar a natureza, os parques floridos, as ruínas, em detrimento da cidade, detendo-se em cada detalhe, numa ânsia de nada perder, ela chega a afirmar: “Como as cidades me interessam menos que as ruínas e as paisagens das margens do Reno...” (p.48).

Quem sabe, possamos dar conta desse entusiasmo pela profunda meditação quando ela se detém sobre o rio Reno, descrevendo o entorno deste em um crepúsculo chuvoso:

O sol, prestes a desaparecer no ocidente, doura o cume das montanhas, encimadas de velhos e magníficos castelos ou de ruínas. Grossa chuva cai, neste momento, nas águas do Reno, sem nos disfarçar os raios do sol. Que espetáculo soberbo produzido por este fenômeno! Como a alma se eleva às regiões desconhecidas, em que brilha este astro, entre essas duas cadeias de montanhas, entre essas duas margens ataviadas de mil belezas, sobre as águas que o barco sulca com rapidez, impulsionado pelo vapor. (p.50)

De espírito vivo e perspicaz, Nísia não deixa nada passar a sua frente sem que trace um perfil etnográfico dotado de criticidade e análise, cotejando os costumes que vigoram em seu país com os daquele onde visita. Se compara o espírito oportunista do parisiense, que procura tirar proveito do estrangeiro ou de quem se aproxime dele, contrastando com a inexistência desse traço no *ethos* teutônico, também compara a prática da liturgia católica no Brasil, desprovida de contrição, com a maneira como se participa do ofício numa igreja em Heidelberg, por exemplo.

Há um outro aspecto bastante interessante na escritura de Nísia. É a quantidade de tiradas filosóficas e máximas enxertadas em seu livro as quais nos conduzem a refletir sobre a condição humana, tendo como olhar um espírito desconstruidor do *modus vivendi*, do feitio que, ao invés de ser compreendido como produto histórico, é tido como natural ou inerente ao comportamento dos homens em sociedade. Só alguns exemplos: “... as duas grandes virtudes que mais elevam o coração do homem: a generosidade e o reconhecimento”; “... os homens não têm pressa em reconhecer o verdadeiro mérito...”; “Não se abusa impunemente das forças físicas que a boa natureza nos deu”; “Não será a espada, mas o amor que regenerará o homem.”; “... em uma sociedade onde o pedantismo e as nulidades em mérito real sabem, melhor que os gênios, brilhar...”

Nísia, como cronologicamente integrante do movimento romântico no Brasil, está impregnada do mesmo ar do tempo, que possibilitou produções românticas seus ostensivos traços de ruptura com a tradição clássica, a qual nunca deixou de obssecar os escritores, sendo o movimento árcade o estilo histórico mais próximo no tempo, anterior ao Romantismo, o melhor exemplo de vinculações para com o legado greco-latino.

Não podemos esquecer a importância do Romantismo, visto que, ao proclamar a liberdade de criação, com seu apelo ao subjetivismo, já estava anunciando as veredas da modernidade, no qual a literatura não estaria mais presa a um cânone ou formas e ditames pré-estabelecidos para a arte de representar estados de alma, fenômenos ou paisagens.

Para encerrar, há muito que ainda dizer sobre Nísia Floresta, polígrafa dotada de uma mundividência que a fez dedicar toda uma vida à arte de escrever, de viajar, apreciar a arte e conviver com as pessoas, para além de preconceitos que julgam as gentes por seu conhecimento livresco. Essa mulher, dotada de uma sensibilidade ímpar,

registrou e contemplou tudo o que viu, e estabeleceu juízo de valor sobre o que se apresentou a sua frente, quer seja das coisas humanas, numa etnografia arguta, quer seja do âmbito da arte, reconhecendo e proferindo relações acerca de um objeto de arte isolado, detectando, por meio de categoria da teoria da arte, a qual ou tal movimento pertenceria um fenômeno.

Enfim, os livros nos quais a escritora formatou suas impressões, com forte pendor ao subjetivismo - apesar de toda a sua obra ser marcada por um caráter ensaístico, ou seja, uma tendência a atribuir um cariz subjetivo à realidade e aos juízos de valor acerca do que se apresenta a sua frente, o que já conduz a uma expectativa da expressão de uma subjetividade -, são: *Itinéraire d'un Voyage en Allemagne* (1857), *Scintille d'un'Anima Brasileira* (1859), *Trois ans en Italie, suivis d'un Voyage en Grèce* (1864) e *Fragments d'un ouvrage inédit – notes biographiques* (1878) os quais manifestam essa pertença ao movimento romântico, sem tirar nem pôr. À parte habitar ancha o território do espírito de época que engendrou o romantismo, não podemos deixar de olvidar a singularidade de uma persona extremamente fascinante, visto que dotada de uma versatilidade escritural, capaz de exercitar com maestria múltiplos gêneros que integram as letras.

Malgrado sua alegria de viver, Nísia não fica imune ao desencanto e ao niilismo tão caro aos românticos, manifestando-se, aqui, por um ceticismo de alguém que dedicou sua vida a lutar pela educação e pela emancipação feminina. Em algumas passagens, deixa entrever seu franco desencanto para com as gerações vindouras: "... e eu tinha ainda grande fé no futuro!" (p.37).

Uma coisa muito interessante a ressaltar sobre Nísia Floresta é a profusão de pseudônimos com que assinava seus livros: Mme. Floresta A. Brasileira, Nísia Floresta Brasileira Augusta, Telesilla, B. A., B. Augusta, "*une Brésilienne*", F. Brasileira Augusta, Mme. Brasileira Augusta. Deixando registros com assinaturas diferentes, ela não apenas referendava uma desterritorialização física, mas se colocava como figura cambiante capaz de desestabilizar as fronteiras bem delineadas, em sua época, dos gêneros masculino e feminino.

Para sua época, Nísia foi bastante longeva: falecendo em 1885, aos 74 anos, deixando claro seu apego à vida. Sua energia vital, alimentada pelo amor aos parentes e à humanidade, aos livros e ao saber e à arte, produziu um vigor físico capaz de fazer durar seus dias. Viveu exclusivamente - pois podia, era rica - administrando suas terras e seus bens. Curioso é que ela mesma autotransfigurava-se com esse perfil: *[...]misto de sensibilidade e energia que vocês tantas vezes admiraram em mim* (p.107). O que não se pode dizer de Nísia Floresta é que não tinha um bom astral, começando a partir de si mesma, da maneira como se via, se autorrepresentava: *Minha boa estrela me tinha reservado essa caridosa companheira de viagem* (p.115). Eis a mulher de Papary, ainda, de longe, nos falando, numa atualidade que só não nos causa espanto por se tratar de um espírito elaborado e com grande vivência interior: *Meu espírito ama as viagens, meu ser físico nelas se compraz, mas meu coração nunca será viajor* (p.58).

## REFERÊNCIAS

AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. *A lágrima de um Caeté (Org. de Constância Lima Duarte)*. 4 ed. Natal: Fundação José Augusto, 1997.

\_\_\_\_\_. *Fragmentos de uma obra inédita*. Brasília: Editora da UNB, 2001.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: EDUFRN, 1995.

FLORESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Trad. Francisco das Chagas Pereira, Natal: EDUFRN, 1982.

\_\_\_\_\_. *Opúsculo humanitário*. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. *Cintilações de uma alma brasileira*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

\_\_\_\_\_. *Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia*. Trad. Francisco das Chagas Pereira, Natal: EDUFRN, 1998, v. I.

MARIZ, Zélia M. Bezerra. *Nísia Floresta Brasileira Augusta*. Natal: Editora Universitária, 1982.